

RESENHA - ŽIŽEK, Slavoj. *Violência*: seis reflexões laterais. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014. 195 p.

Mary Ferreira

Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)



Ao ser lançado no Brasil em abril de 2014 o livro *Violência: seis reflexões laterais* de Slavoj Žižek promoveu intensos debates e provocou polêmicas e reflexões, fato também notado em praticamente todos os países em que o livro foi lançado. O título

por si só chama atenção pelo sentido direto, seco, intenso, embora tenha um subtítulo que amenize o peso ou crueza do título. Aparentemente era o que o autor se propunha neste ensaio em que manifesta sua crítica à sociedade pós-moderna, a partir de um olhar cuidadoso sobre vários episódios que marcaram profundamente a humanidade.

Suas referências centradas no pensamento de Karl Marx e Jacques Lacan denotam uma visão de mundo inquieta, inconformada, radical e contestadora a partir da qual dialoga com vários campos do saber como a filosofia, a sociologia, a política, a arte e, em especial, o cinema para criticar de forma direta o capitalismo, a globalização, a religião, os comunistas liberais que para Žižek (p. 42) são considerados hoje “[...] o inimigo com que se defronta qualquer tipo de luta progressista.” - e os fundamentalistas cristãos ou muçulmanos, que são para o autor “[...] uma desgraça para o verdadeiro fundamentalista.” (p. 77).

Organizando a obra em seis capítulos, o autor nos leva a imergir nas diversas formas de violência e nos esclarece que essa violência é ocultada pelo sistema político e econômico. Considera que a luta contra os fundamentalismos é também a luta

do WikiLeaks e de Snowden, que se aliam às lutas contra o antissemitismo, todas são parte da busca dos homens e mulheres por uma sociedade sem violência, fundamentada em princípios de liberdade, igualdade e respeito ao outro.

Na introdução, Žižek esclarece o sentido da violência, a partir de três concepções: a violência *subjetiva*, aquela *visível exercida por um agente claramente identificável* que nos intimida e amedronta, pois é perpetrada pelos indivíduos de forma direta. A violência *objetiva*, que é invisível porque está sustentada em uma “[...] normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento.” (p. 18) aquela que se insinua e cria um ambiente de violência que está latente, imperceptível, mas que se exprime em atos racistas, atitudes machistas e homofóbicas e tantas outras formas de expressão que, muitas vezes, são naturalizadas e passam despercebidas. O outro sentido de violência apresentado pelo autor é a *violência sistêmica*, aquela que nasce dos efeitos catastróficos dos sistemas políticos e econômicos que se fundamentam na injustiça e nas desigualdades perfeitamente visível na sociedade brasileira que durante séculos estigmatizou a maior parte da população, principalmente das regiões mais empobrecidas e que, em tempos de eleições, são *atacados* pela elite brasileira traduzindo os três sentidos de violência apresentados por Žižek.

Os seis capítulos do livro apresentados por Žižek lançam luzes para que aprofundemos as diversas dimensões da violência e como esses três sentidos se imbricam na análise do fenômeno. No primeiro capítulo, *Adagio ma non troppo* e muito expressivo, ele nos chama a atenção que opor-se a todas as formas de violência - da física e direta (extermínio em massa, terror) à violência ideológica (racismos, incitação ao ódio, discriminação racial) parece ser hoje a maior preocupação da atitude liberal, porém não se pode perder de vista que as três formas de violência são reflexo do capitalismo defendido intransigentemente pelos mesmos liberais que aparentemente se opõem à violência. Parece

paradoxal essa explicação, mas Žižek nos esclarece que, para compreender esse paradoxo, é necessário historicizar a noção de violência subjetiva, que assumiu uma nova forma com o capitalismo e não é uma *abstração*. Isso porque:

[...] os destinos de camadas inteiras da população e por vezes até mesmo dos países podem ser decididos pela dança especulativa “solipsista” do capital, que persegue seu objetivo de rentabilidade numa beatífica indiferença ao modo como tais movimentos afetarão a realidade social. (p. 25, grifo do autor).

Neste capítulo, o autor faz severas críticas aos chamados comunistas liberais que inclui Bill Gates e George Soros, considera-os como grandes executivos imbuídos de espírito contestatório ao se apoderarem de grandes companhias. São pragmáticos e, em geral, estão envolvidos em causas humanitárias: desde a fome na África à sujeição das mulheres muçulmanas. Porém, nos lembra que para doar, é necessário primeiro tomar de alguém – ou, de forma mais explícita, explorar alguém. Neste ponto ele critica mais diretamente George Soros, que representa a mais

[...] implacável forma de exploração financeira especulativa, combinada com o seu contra agente: a preocupação humanitária, metade de seu tempo é dedicado a especulação financeira, metade é dedicado a tarefas humanitárias.. (p. 31).

Em resumo o autor é enfático ao afirmar que “A caridade é a máscara humanitária que dissimula o rosto da exploração econômica.” (p. 32).

No segundo e terceiro capítulo do livro: *Allegro moderato* – adagio; *Andante ma non troppo* e *molto cantabile* o autor traz alguns pontos bastante polêmicos principalmente na discussão que faz sobre o stalinismo, o 11 de setembro e o episódio do furacão Katrina em Nova Orleans. Nesses dois capítulos bastante provocativos Žižek nos leva a

reflexões, como:

Porque deveria Kissinger, quando ordenou o bombardeamento do Camboja – causando a morte de dezenas de milhares de pessoas –, ser considerado menos criminoso do que os responsáveis pelo ataque às Torres Gêmeas? Não seremos vítimas de uma visão ética?

Não é estranho o fato de que a filha de Stalin ao escrever as memórias do pai o tenha retratado com um pai afetivo?

Para o autor, a consciência ética e ingênua nunca deixará de nos surpreender uma vez que é possível perceber que pessoas que comentem atos bárbaros contra seus inimigos ou opositores, podem, por outro lado manifestar humanidade, afeto e delicadeza no seu próprio grupo. Žižek (p. 54) defende ser possível afirmar “[...] que toda ética talvez tenha de se assegurar nessa atitude de negação fetichista.”

Ao analisar a catástrofe provocada pelo furacão Katrina, Žižek nos alerta para a desintegração da ordem social em um dos países mais ricos do mundo onde se estabeleceu o caos e emergiram todas as contradições dos Estados Unidos, País que até então se considerava o mais democrático e justo do universo. Žižek (p. 84) considera que

[...] os acontecimentos de Nova Orleans confirmam mais uma vez a fragilidade da ordem social, a nossa grande necessidade de imposições legais e forças morais que impeçam a explosão de paixões violentas.

A realidade quebrou o mito americano e desnudou suas contradições ao mostrar os pobres negros abandonados deixados sem meios para sobreviver. Esses fatos demonstram que não estamos lidando com os chamados apelos à *globalização* econômica. Os fatos apontam que este novo racismo que emerge nas zonas consideradas desenvolvidas é muito mais brutal do que aquele que vivenciamos em séculos passados. O que fica claro é que: “A divisão fundamental é a que passa entre aqueles incluídos pela esfera de (relativa) prosperidade econômica e

aqueles por ela excluídos”. (p. 88).

Nos capítulos quatro e cinco o autor traz o debate sobre liberalismos e fundamentalismos e discute o holocausto. Nesse ponto, o autor é criticado por Luciano Trigo (2014) pela forma dúbia como descreve o holocausto e ao deixar dúvidas quanto a sua postura em relação a essa trágica passagem da história, quando milhares de judeus foram mortos de forma cruel deixando marcas profundas na vida deste povo e nas gerações futuras. Para Trigo (2014, p. 2, grifos do autor)

[...] Žižek já afirmou que Hitler “não foi suficientemente violento”. Ou ainda, que “o antissemita também está no judeu”. Esse padrão é recorrente nas análises de Žižek: ele pensa de uma maneira contra intuitiva, chegando a conclusões duvidosas a partir de dados verdadeiros e raciocínios engenhosos.

Em outro momento do capítulo quatro o autor lembra a violência religiosa provocada pelas visões fundamentalistas que atinge de forma muito direta as mulheres e os gays. Ao refletir sobre o problema, o autor expressa a fala do cantor Elton John, conhecido pela sua luta contra a homofobia. Elton John considera que “A religião sempre tentou suscitar o ódio contra os homossexuais. Do meu ponto de vista, gostaria que a religião fosse banida por completo.” (p. 111).

O último capítulo do livro dedicado à discussão sobre a violência divina, que o autor traduz como sendo a violenta explosão de ressentimento que vai dos linchamentos de massa ao terror revolucionário organizado. Aqueles aniquilados pela violência divina são, em geral, culpados, não são dignos de Deus. Žižek (p. 150) considera ainda que a visão cristã nos aprisionou a uma camisa de força que nos aliena e nos mantém presos a uma dívida eterna e impagável:

A nossa única salvação reside na misericórdia de Deus, em seu sacrifício supremo. Todavia, no

próprio gesto de quebrar a cadeia da justiça através do inexplicável ato de misericórdia, do pagamento da nossa dívida, o cristianismo nos impõe uma outra dívida ainda mais forte: estamos sempre em dívida com Cristo, nunca podemos retribuir-lhe o que fez por nós.

Em entrevista recente sobre o seu livro dada a Ivan Marsiglia (2014) do Jornal Folha de São Paulo, ao ser questionado se as manifestações de rua no Brasil teriam perdido o fôlego, em virtude da repressão policial, Žižek foi enfático ao dizer:

Essa discussão serve para encobrir o que realmente interessa, que é, em primeiro lugar, entender por que os protestos emergiram no Brasil. E, em segundo, por que todas as tentativas de canalizar a energia mobilizada nas ruas em políticas e programas concretos fracassou. Esse é o grande problema, e não estou muito otimista em relação a ele. Vemos explosões de violência em toda a parte, como se algo diferente estivesse por emergir, mas sem que nenhuma delas resulte em uma perspectiva nova de futuro.

As palavras de Žižek remetem a muitas reflexões e nos intima ao debate para que possamos buscar formas de enfrentar os desafios que nos apresentam neste País considerado o sétimo mais rico do mundo, mas que ainda se depara com desigualdades intoleráveis e contradições que desnudam um Brasil que imaginávamos superadas. As discussões acaloradas nas eleições de 2014 entre os dois projetos que polarizaram os nossos corações e mentes, mostram claramente os lugares determinados para pobres e nordestinos: a cozinha das elites. Para essa elite, o Bolsa Família é responsável pela eleição da presidenta Dilma Rousseff. Não é observado o fato de que os cidadãos que usufruem desse benefício social, dificilmente terão à mesa o vinho francês, o caviar, ou o queijo suíço que hoje abunda em suas mesas (APÓS ..., 2014).

REFERÊNCIAS

APÓS reeleição de Dilma, eleitores do Nordeste são atacados nas redes sociais. **O Estadão**, São Paulo, 26 outubro 2014. Disponível em:<<http://www.msn.com/pt-br/noticias/eleicoes/ap%C3%B3s-reele%C3%A7%C3%A3o-de-dilma-eleitores-do-nordeste-s%C3%A3o-atacados-nas-redes-sociais/ar-BBbn>>. Acesso 27 out. 2014.

MARSIGLIA, Ivan. Ela está no meio de nós. **O Estadão**, São Paulo, 11 maio 2014. Não paginado. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,ela-esta-no-meio-de-nos,1164948>> Acesso 27 out. 2014.

TRIGO, Luciano. A violência segundo Zizek e uma canção da Jovem Guarda. **Globo.com**, rio de Janeiro, 27 julho 2014. Disponível em:<<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/violencia-segundo-zizek-e-uma-cancao-da-jovem-guarda.html>>. Acesso em: 27 out. 2014.

NOTA

¹ Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Maranhão (1981), Especialização em Organização de Arquivos pela USP (1991), Especialização em Metodologia do Ensino Superior (UFMA, 1995); Mestrado em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão (1999) e doutorado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (2006). Fez Estágio doutoral na Universidade de Coimbra em Portugal.